

*Prática campesina ancestral vem sendo adotada como método de trabalho sistemático desde novembro de 2005*

## **Trabalho solidário do mutirão resgata o significado da política**

*Ativistas, militantes, agricultores e pesquisadores do desenvolvimento sustentável resgatam o trabalho solidário como forma de fazer política no cotidiano*

por Adriano Marcello [\*]

No diálogo em que Eduardo Abib conta para Gumercindo Elias, que plantar [guandu](#) contribui para a restauração da fertilidade porque fixa o nitrogênio no solo, está uma amostra da circulação de conhecimentos (não de informação apenas) que caracterizaram o mutirão realizado no início de abril deste ano, em um dos pomares da **Cooperativa dos Citricultores Ecológicos do Vale do Caí (Ecocitrus)**, em Montenegro, onde Abib é assessor técnico. Gumercindo reside no Quilombo do Morro dos Alpes, comunidade que abriga 72 famílias descendentes de escravos, em Porto Alegre e é responsável pelo projeto pomar que a Embrapa desenvolve junto com as famílias quilombolas. Além da curiosidade, sua indagação veio da abertura proporcionada por um acordo de esforço coletivo fundamentado na solidariedade e que reuniu 45 pessoas, a maioria ligada a algum projeto sócio-ambiental, para a primeira etapa de acabamento do Centro de Formação da Cooperativa.

O Centro, projetado e executado com princípios de arquitetura bioconstruída, servirá à pesquisa, vivência e troca de informações sobre técnicas de agroecologia, permacultura, bioconstrução e sistemas de conservação e reaproveitamento de energia. A serventia social do espaço motivou a Ecocitrus, o escritório de arquitetura Brotar, o **Instituto Morro da Cutia de Agroecologia (Imca)** e o site **Casa Tierra** a adotar proposta .

### **Ação solidária**

O mutirão é uma prática conhecida em diversas regiões do Brasil por vários nomes (muxirão, mutirom, puxirão, ponxirão, puxirum, ademão, adjunto, bandeira, boi-de-cova, junta etc). O termo é uma mistura de tupi, com espanhol e português. O historiador Sergio Buarque de Holanda, na sua obra Raízes do Brasil, assinala o mutirão, costume de labor produtivo, em que os roceiros se socorrem uns aos outros nas derrubadas de mato, nos plantios, nas colheitas, na construção de casas, na fiação do algodão tanto na expectativa do auxílio recíproco quanto na animação proporcionada pelas ceias, danças,

cantos populares e os desafios.

A prática campesina ancestral vem sendo adotada como método de trabalho sistemático desde novembro de 2005, quando o **Centro de Formação Sepé Tiarajú, do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST)** em Viamão, promoveu a manutenção da Oficina de Confeção de Instrumentos Musicais, outro espaço erguido com técnicas de arquitetura bioconstruída. Em janeiro deste ano, no [Recanto da Mata](#), um sítio que adota estratégias de minimização de impacto ambiental, localizado junto à biosfera da Mata Atlântica, em Maquiné, o esforço coletivo de vários desses ativistas permitiu a instalação do telhado verde da erva medicinal boldo.

O engenheiro florestal da Ecocitrus, Stefano Ilha chama atenção para o fato do método de mutirão oferecer respostas práticas para a habitual distância entre o campo e a cidade. "Fiquei surpreso de ver que mesmo estando na cidade, distante do campo, as pessoas que vieram ao nosso mutirão têm conhecimento sobre as problemáticas rurais, estudam isso e também estão desenvolvendo projetos sustentáveis".



A Ecocitrus disponibilizou um ônibus que partiu de Porto Alegre, na sexta-feira (8/04) à noite, com os primeiros participantes. Durante a viagem até Montenegro, Fernando Campos Costa, do escritório de arquitetura **Brotar** e do site Casa Tierra contou aos participantes como funciona um mutirão, a diferença em relação às oficinas de trabalho e o princípio da solidariedade como elemento fundante. Em seguida da chegada ao local e a instalação das barracas, entre laranjeiras, limeiras e bergamoteiras, o grupo assumiu sua própria gestão, decidiu que antes do jantar, todos assistiriam a apresentação produzida pela Ecocitrus, sobre o trabalho e os princípios da cooperativa.

## **O trabalho repartido**

O grupo foi dividido em cinco equipes por tarefa já no início da manhã de sábado. Um grupo ficou responsável pelo círculo de bananeiras, uma solução para o tratamento das águas utilizadas pelos chuveiros. Outro foi trabalhar com a malha de aço que serviria posteriormente para sustentação das paredes da cisterna, um tanque que armazena água das chuvas. Dois grupos para o preparo da primeira camada de reboco, que incluía peneirar areia e terra, misturar e sovar com água, esterco de vaca curtido e óleo de cozinha reaproveitado. O restante foi preparar a cobertura do telhado verde.

O objeto do mutirão, o Centro de Formação já estava erguido com uma técnica de construção, o superadobe, que consiste em socar a terra úmida armazenada em sacos contínuos (como uma mangueira) que são sobrepostos formando uma parede. Com a parede consolidada, o saco é incinerado, deixando apenas a terra exposta, pronta para ser rebocada.

O ritmo do trabalho é dado pela altura do sol. Depois do almoço, mais uma leva de colaboradores se incorpora, o povo descansa, cesteia e conversa à sombra das frutíferas. Meio turno e o labor coletivizado aproximou as pessoas, de maneira que tratam-se com familiaridade e confiança.

A constatação de que não está sozinho com suas idéias tornou Marcelo Tcheli, do Recanto da Mata, um ativista também dos mutirões. "Em muitos momentos, quase se desiste. Nós estamos nadando contra a corrente. Quando isso (o mutirão) acontece, vimos que não estamos sozinhos. Tudo se torna mais simples quando a gente se une!", comemora. O mutirão no Recanto adiantou um mês de trabalho para Tcheli, que é ator e apresenta, todos os finais de semana no Parque da Redenção em Porto Alegre, seu teatro de bonecos para o público infantil.

Com o sol ainda alto, o grande grupo reúne-se em círculo, todos em pé. Os recém-chegados são apresentados. Todos retomam o trabalho, algumas tarefas já foram concluídas pela manhã e novas, como a confecção do mosaico no chão do banheiro e o acabamento do buraco circular onde ficará a cisterna, compõem o quadro de atividades da tarde.

## **Abertura**

À noite, sentados ao redor do fogo, a maioria dos assuntos está ligada ao trabalho do dia. Alguns retornaram para casa, quase ao mesmo tempo que mais gente chega de última hora. Como o italiano Stefano Cortese, que interessou-se pela proposta de esforço coletivo e o uso de técnicas de construção com terra. "O mutirão também é uma forma de repartir a fadiga do trabalho" filosofa Cortese, que é padeiro. Sua presença acabou sugerindo uma proposta, que não estava nos planos, a de se erguer um forno de barro. A idéia foi materializada e o forno foi testado com um pão feito coletivamente sob orientação do italiano.

Além de Stefano, participaram do mutirão a alemã Jenni, a canadense Isabelle Ruelland e a colombiana Diana Ximenes Sierra, que está há um mês no Brasil. Para ela, a referência dos mutirões vem do que ela viu nas edições do Fórum Social Mundial. " É uma mobilização ideológica de ajuda não só com as palavras", define.

A variedade de idiomas chamou atenção de Eliane Elias, também do Quilombo dos Alpes, que participou pela primeira vez de um mutirão. "Variedade de idiomas e pessoas, as amizades... quero todo mundo lá em cima (referindo-se à localização do Quilombo). Fiquei muito impressionada como o modo como eles tratam a terra por aqui", conta Eliane. Durante o dia, ela descobriu que este era o terceiro mutirão e agora que visitar também o Centro de Formação do MST, em Viamão.

O reconhecimento dos parceiros e as prováveis conexões entre os diversos projetos que estiveram presentes através das pessoas que participaram do mutirão da Ecocitrus foram marcantes também para Anderson Sperotto, acampado do MST na Fazenda Guará, em Coqueiros do Sul, que percebeu o elemento comum à todos: "Para nós (do MST) é importante estar constituindo um espaço desses, onde existe o contraponto, outros centros onde também é possível confirmar outros avanços".

O mutirão conseguiu cumprir com as expectativas. A constatação ficou visível na expressão dos rostos ao redor da fogueira no domingo à noite, enquanto o pão assava no recém construído forno de barro. O mutirão não é um movimento que se esgota em si, ou no término das tarefas. A passagem pela Ecocitrus trouxe avanços materiais e estratégicos, mas também vai levar a Cooperativa para outros espaços, contatar com outros grupos que tiveram neste mutirão e outros ainda que devem somar-se a esse movimento, que é aberto é traz o fazer político para o cotidiano e a ação prática.

[As fotos de tudo que foi contado...](#)

[\*] especial para o [Casa Tierra](#) e [Celeuma](#)

Publicado originalmente no [Casa Tierra](#) em 24 de abril de 2006